

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA, NTIC E PESQUISAS DE INTERVENÇÃO: AS MÚLTIPLAS FACES¹

Núbio Delanne Ferraz Mafra (UEL)

nubiomafra@yahoo.com.br

RESUMO

No projeto de pesquisa LEDINT temos discutido a noção de pesquisa de intervenção, no âmbito do letramento digital em aulas de Língua Portuguesa, em diálogo com as concepções de linguagem e de aprendizagem. Ações mais propositivas, ainda que não menos reflexivas, colocam-se como uma inadiável agenda. Apresento neste trabalho uma parte do mapeamento destas investigações, que colabora para uma ampla visualização e análise do cenário de pesquisas desenvolvidas.

PALAVRAS-CHAVE: letramento digital; ensino de língua portuguesa; pesquisas de intervenção.

ABSTRACT

In the research project LEDINT, we have discussed the notion of intervention research in the context of digital literacy in Portuguese language classes, in dialogue with the concepts of language and learning. More propositional actions, though no less reflective, are placed as an urgent agenda. I present in this article part of the mapping of these investigations, that contributes to a large visualization and analysis of the scenario of developed research.

KEYWORDS: digital literacy; Portuguese language teaching; intervention research.

0. Introdução

Motivos não faltam para justificar o interesse pela análise de ações interventivas de letramento digital em salas de aula de língua portuguesa. No meu caso, estes motivos se materializam principalmente em três estudos.

¹ Uma primeira versão desse texto foi publicada nas Memórias do Universidad 2014, durante o 9º Congreso Internacional de Educación Superior realizado em Havana, Cuba.

É do humano a tendência a destacar os acertos, desconsiderando ou até mesmo encobrindo os descaminhos. A maioria das pesquisas no ensino de língua portuguesa costuma confirmar esta tendência. Todavia, o primeiro dos estudos que apresento foge a esta regra: para além da apresentação de (mais) uma abordagem bem sucedida em sala de aula, Rojo (2008) assume os equívocos e limitações dos procedimentos trabalhados, refletindo sobre eles. E vai além, questionando os limites da Linguística Aplicada e ratificando, pela prática, a necessidade de um efetivo diálogo com outras áreas de conhecimento, quando se quer aproximar, professores e pesquisadores, da realidade do ensino de língua portuguesa.

Diz ela, ao final:

- a) em que pese a satisfação que temos todos (eles e nós) na aprendizagem de novas arquiteturas linguísticas e discursivas ou mesmo de construtos das teorias da aprendizagem, isso não ensina a ensinar;
- b) a questão didática, no caso de um linguista aplicado, deverá ser muito mais seriamente levada em conta, embora essa seja uma de nossas áreas adjetivas e não a substância de nossa formação. (p. 334)

Resultados da pesquisa LETPROF – Letramento digital do professor de Língua Portuguesa (MAFRA; MOREIRA, 2012) apontaram para uma dimensão de letramento digital suficiente por parte dos professores de Língua Portuguesa da rede pública da região de Londrina, na condição de usuários. Aliás, eles nem discutem mais a importância do computador e da Internet em sua vida e na formação dos seus alunos. A dificuldade expressa pelos professores está na transposição didática dessas mídias para o trabalho em Língua Portuguesa; ou seja, uma formação para o uso didático dessas novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) e não mais no conhecimento delas em si.

O terceiro estudo que motivou a preocupação expressa neste trabalho foi o projeto de pesquisa de âmbito nacional, desenvolvido por mim e por pesquisadores de diferentes universidades, vinculados ao GT Linguagem e Tecnologia da ANPOLL – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística: trata-se do

projeto “A pesquisa em Linguagem e Tecnologia: o estado da arte no Brasil” (ANPOLL, 2010). Esta pesquisa fez um levantamento das teses e dissertações defendidas de 2000 a 2010 em programas de pós-graduação da área de Letras e Linguística sobre linguagens e tecnologias, buscando “traçar um panorama do estado da arte em termos de temas e de metodologia de pesquisa” (p. 12).

Os estudos de Rojo (2008) confirmaram aquilo que eu já vinha refletindo à época: existe uma dimensão prática associada aos saberes e fazeres em sala de aula de língua portuguesa que precisam ser melhor refletidos pela Linguística Aplicada, em articulação com outras áreas de conhecimento. Os estudos que desenvolvemos² na pesquisa LETPROF, anteriormente referida (MAFRA, MOREIRA, 2012), identificaram esta demanda dos professores proficientes no uso das NTIC, diferentemente do que afirmavam estudos anteriores, agora preocupados em construir ações teórico-práticas que articulem as NTIC ao ensino de língua portuguesa. Finalmente, o levantamento oriundo da pesquisa nacional (ANPOLL, 2010) propiciou que a delimitação do recorte que eu buscava, materializado no projeto de pesquisa em desenvolvimento, coordenado por mim, “LEDINT - Letramento digital nas aulas de Língua Portuguesa: teorias e práticas em pesquisas de intervenção”, vinculado ao Grupo de Pesquisa FELIP – Formação e Ensino em Língua Portuguesa (UEL-DGP/CNPq)

Neste texto, portanto, além de apresentar as linhas gerais do projeto LEDINT, busco refletir sobre o perfil de intervenção das pesquisas analisadas – primeira fase do projeto. Nas Considerações Finais, sinalizo para os desafios vislumbrados para as próximas fases da pesquisa, a partir desta análise.

1. Delimitações no percurso

O recorte desta pesquisa foi definido a partir da pesquisa nacional “A pesquisa em Linguagem e Tecnologia: o estado da arte no Brasil”, com o levantamento das teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação da área de Letras e

²A utilização da primeira pessoa do plural, neste e em outros casos similares, busca fazer referência ao grupo de pesquisadores associado aos diferentes projetos de pesquisa citados no texto.

Linguística sobre linguagens e NTIC (ANPOLL, 2010). Neste levantamento foram identificados 460 trabalhos. Nossa investigação partiu para um recorte específico: trabalhos voltados para o caráter de pesquisa de intervenção no ensino presencial de Língua Portuguesa na educação básica (Fundamental II e Ensino Médio). Para o desenvolvimento da análise, essa expressão definidora do nosso objeto de interesse representou cinco parâmetros de classificação para fins de identificação, apresentados no quadro a seguir:

PARÂMETROS DE CLASSIFICAÇÃO		
P1	ensino formal ou formação de professores	ENS/NENS
P2	presencial	PRE/NPRE
P3	educação básica (ensino)	EDB/NEDB
P4	língua portuguesa/literatura	LPO/NLPO
P5	intervenção	INT/NINT

Na terceira coluna do quadro, constam duas classificações para cada um dos parâmetros, separadas por uma barra. A segunda classificação, após a barra, expressa ausência/oposição da identificação buscada, sempre iniciada pela letra N. Em P1, por exemplo, “NENS” significa “não voltado para o ensino formal ou formação de professores”.

No percurso dessa análise, algumas interessantes constatações começaram a surgir. A primeira delas é a expressiva presença de trabalhos voltados para outras áreas que não o ensino. Na área educacional, a grande maioria das pesquisas é voltada para o ensino de língua estrangeira, principalmente o Inglês, e para a modalidade a distância. Apesar de essas constatações colaborarem de alguma forma para a constituição do recorte que eu buscava, não irei me debruçar detidamente sobre elas neste texto, por não estarem diretamente relacionadas ao foco que pretendi dar a esta pesquisa, que é o ensino de Língua Portuguesa presencial. De qualquer forma, é importante deixar

registrada nossa preocupação com o proporcionalmente reduzido número de pesquisas voltadas para o ensino presencial de Língua Portuguesa articulado às NTIC.

Após uma análise detalhada dos documentos e, principalmente, das possibilidades de acesso a ele – somente trabalhos que contivessem textos na íntegra disponibilizados principalmente no site das instituições, já que no caso de alguns apenas foram encontrados o título ou o resumo –, do referido universo de 460 teses e dissertações encontrei apenas 29 trabalhos minimamente relacionados ao foco da pesquisa (projetos de intervenção) – apenas 6,3% do total. A análise destes dados junto com a equipe de pesquisadores do projeto desenhou uma delimitação ainda mais restrita: estamos trabalhando neste momento com aproximadamente 12 teses e dissertações de caráter interventivo.

2. Pesquisas em ensino de língua portuguesa: intervenções e metodologias

A incerteza relacionada à expressão “aproximadamente 12 teses e dissertações de caráter interventivo”, expressa na seção anterior se deve ao fato de que, em primeiro lugar, o próprio conceito de pesquisa de intervenção está longe de atingir um consenso científico. O segundo fator associado a esta incerteza ocorre porque os principais estudos neste campo encontram-se principalmente na Psicologia, e raramente nas pesquisas de Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa.

Confrontando a aplicação da Linguística com a Linguística Aplicada, Widdowson (2000) identifica a intervenção como o ponto em comum entre elas. Porém, enquanto na Linguística a intervenção caracteriza-se pela aplicação direta e unilateral de conceitos e termos com origem na pesquisa linguística – soluções linguísticas para problemas linguísticos –, na Linguística Aplicada a intervenção deve ser vista essencialmente como mediação. Neste último caso, busca-se conciliar e relacionar, num processo multilateral, diferentes representações da realidade. Os aspectos linguísticos também são contemplados, mas outras representações não devem ser desconsideradas.

Sob o viés sócio-histórico, Rauen não só constata essa dimensão mediadora da intervenção como utiliza o termo “pesquisa mediadora” para que uma pesquisa que “consiste numa ação de investigação dialética de caso, que visa, por meio de processos analíticos, transformar a concepção de um objeto do conhecimento dos educandos de uma visão sincrética para uma visão sintética” (RAUEN, 2003, p. 536). Foco, portanto, nos processos de ensino-aprendizagem, partindo de uma visão dos estudantes um tanto quanto fragmentária (“sincrética”) em direção a uma visão mais plena e articulada (“sintética”).

Visando uma melhor compreensão da pesquisa de intervenção, Paulon (2005) a relaciona à pesquisa-ação. Para além das concepções de intervenção anteriormente apresentadas, a pesquisadora destaca a dimensão política da pesquisa de intervenção, ao colocar em cena os jogos de interesse e poder inerentes à própria pesquisa. Se na pesquisa-ação a ação é vista como planejamento, na pesquisa de intervenção ela é a própria produção dos sentidos do acontecimento. Distantes da compreensão naturalizada de intervenção como “intromissão violenta”, a pesquisa de intervenção resgata as noções de “interpor-se” e o “vir entre” como o cerne da intervenção em pesquisa. Isso porque, por exemplo, mais do que “se aproximar” dos processos desenvolvidos em sala de aula – postura operativa mais característica da pesquisa-ação –, a ação interventiva opera “no” campo desses acontecimentos, acompanhando-os e até mesmo assumindo os riscos do imprevisto, da parcialidade e do fluido, inerentes à construção dessa experiência.

Nesse exercício comparativo, Paulon (2005) nos apresenta um elucidativo quadro que procura sintetizar as distinções percebidas entre pesquisa-ação da pesquisa de intervenção:

PESQUISA-	- AÇÃO	- INTERVENÇÃO
CARÁTER/ FINALIDADE	Intencional Planejada Reflexiva + Conhecimentos	Interpor-se / vir entre Intrusão ↔ Intersecção Mediação
CONCEPÇÃO DO SUJEITO DE PESQUISA	SUJEITO ATIVO ↓ Objeto - Sujeito	MODOS DE SUBJETIVAÇÃO ↓ Processos de Singularização
"LUGAR" DO PESQUISA-DOR	Inserção do pesquisador no campo	Análise de Implicação
REFERENCIAL	Materialismo-dialético Psicossociologia	Filosofia da Diferença Análise Institucional
OBJETIVO	Fornecer Instrumentos e meios para uma AÇÃO TRANSFORMADORA ↓ Conscientização	Criar / identificar dispositivos analisadores que favoreçam a PRODUÇÃO DE ACONTECIMENTOS ↓ Auto-análise e Auto gestão
"LEMA"	"Conhecer para Transformar"	"Todo conhecer é um Fazer"

Fonte: PAULON, 2005, p. 22.

O sucesso da ação docente, para a Pedagogia, costuma estar vinculado ao planejamento. Porém, pensarmos o ensino de língua portuguesa na perspectiva da Linguística Aplicada, implica considerarmos também, juntamente com as concepções de aprendizagem e em articulação com elas, as concepções de linguagem. Para além da visão didática de reflexão autônoma que coloca em relação as problemáticas da elaboração do planejamento, apropriação dos saberes e intervenção do pesquisador, Pereira (2006) entende que a intervenção não deva ser tratada de forma isolada em relação às demais problemáticas na Linguística Aplicada. Ela compreende a intervenção não como uma simples etapa, mas como um conjunto de questões inseridas em uma abordagem integradora das concepções de língua/linguagem e processos de ensino-aprendizagem, cuja complexidade não pode ser minimizada.

O fato de reconhecermos uma dimensão mediadora não só no trabalho docente como numa pesquisa de intervenção, conforme Widdowson (2000) e Rauen (2003) compreendem, não significa que pensemos a pesquisa de intervenção apenas sob esse

viés. Nós a identificamos em diálogo com as diferentes etapas do trabalho formativo, assim como Pereira (2006), e não somente com o processo ensino-aprendizagem. Além disso, o reconhecimento de Paulon (2005) da necessidade de envolvimento do pesquisador na realidade investigada, refletindo inclusive sobre seu fazer na/da pesquisa, corrobora com nossa visão de que a escolha investigativa pelo caminho da intervenção passa também pelas alterações dos espaços escolares e dos sujeitos envolvidos no processo – inclusive do pesquisador.

A pouca familiaridade da área de Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa com pesquisas de intervenção, a que me referi no início desta seção, conduzem-me a outra constatação, esta de caráter mais geral: os aspectos metodológicos das dissertações e teses, principalmente, ainda são pouco trabalhados na nossa área. Estes aspectos, que poderiam melhor esclarecer e nortear as ações investigativas das pesquisas, muitas vezes, são tratados pelas pesquisas analisadas de forma quase burocrática, sem maiores aprofundamentos, o que talvez colabore para um perfil de “intervenções” não só heterogêneas como etéreas, que dificultaram uma melhor caracterização deste conjunto.

Ao analisarmos os capítulos metodológicos das teses e dissertações, constatamos pesquisas que não se empenharam em aprofundamentos conceituais de caráter metodológico. Neste sentido, a maior parte das pesquisas analisadas se apresenta como “qualitativa”, de caráter “etnográfico” ou “empírico”, enfocando “estudos de caso” ou “pesquisa-ação”, sem maiores problematizações destas metodologias. Os procedimentos e instrumentos metodológicos, no entanto, costumam ser ampla e detalhadamente explicitados, trazendo a caracterização dos sujeitos e contextos investigados, filmagens, aplicação de questionários etc.

Nesse sentido, contribui sobremaneira para os nossos encaminhamentos metodológicos e de análise a dimensão amplificada e articulada de pesquisa de intervenção apresentada por Moita Lopes (1996). Esse pesquisador entende que a pesquisa de intervenção investiga a possibilidade de se modificar a situação existente em sala de aula e tende para a pesquisa qualitativa, notadamente de natureza

etnográfica – de descrição narrativa da vida diária da sala de aula a partir de observação participante, diários, entrevistas, gravações de aulas. Volta-se para os processos sociointeracionais envolvidos na construção do conhecimento, com foco no processo de uso da linguagem.

Olhar a aula de língua portuguesa sob essa ótica contribui sobremaneira para uma ampliação da compreensão do papel do docente em sala de aula. O universo de linguagens com as quais interagimos, dentre as quais se incluem as NTIC, podem e devem estar representadas no microcosmo da sala de aula. E o trabalho com a linguagem entre professor e aluno nos processos de ensino-aprendizagem mediado pelas NTIC podem ser profundamente ricos também para pesquisas de intervenção de olhares ampliados para os processos e conduzidas por pesquisadores que transformem e se reconheçam transformados.

Considerações finais

Teorias mais recentemente desenvolvidas, que trabalham os diferentes conceitos de letramento, inclusive o digital, numa perspectiva discursiva, têm contribuído fortemente para uma mudança de práticas escolares voltadas ao domínio da leitura e escrita como práticas sociais.

Não sem razão, os conceitos de letramento se modificam à proporção que mudam as culturas, tornando-se assim, em muitos casos, concepções restritas que não abarcam as diversas práticas em que a escrita é mediadora nas diferentes sociedades. Para amenizar esta problemática, os estudiosos do assunto caracterizam o letramento a fim de restringi-lo a práticas específicas, o que ocorreu com a designação de letramento digital. (LOBO-SOUSA; ARAÚJO; PINHEIRO, 2009, p. 117)

A dinâmica social associada ao conceito de letramento digital expressa por estes pesquisadores denota o crescente desenvolvimento e maturidade das discussões acadêmicas relacionadas a este processo específico de letramento, porquanto atentas a este conjunto de mudanças nas diferentes práticas, em diferentes instâncias de produção. Este artigo procurou transitar por parte destas discussões, especialmente

instaladas no ensino de língua portuguesa da educação básica brasileira. Da constatação da complexidade do universo escolar em seu trabalho com a linguagem, passando pela proficiência digital dos professores de língua portuguesa, cheguei ao “estado da arte” das pesquisas em linguagem e tecnologias no campo das Letras/Linguística (classificação da CAPES/MEC). Versam sobre este tema: 15,8% das pesquisas em ensino de língua portuguesa (a maior parte em ensino de língua estrangeira); 30,5% das pesquisas em ensino presencial (a maior parte em educação a distância); quase nada (18,9%) voltado para a educação básica – dentre outros números.

Ainda que continuem importantes, as “reflexões” sobre a presença da NTIC não são mais suficientes. Ações mais propositivas, ainda que não menos reflexivas, colocam-se como uma inadiável agenda para todos que pensam o ensino em suas diferentes articulações. É neste sentido que se coloca o Projeto de pesquisa LEDINT, procurando entender as formas de intervenção propostas por diferentes teses e dissertações ao longo da última década.

Revisitado este conceito à luz das demandas do letramento digital em suas articulações com o ensino de língua portuguesa, objeto deste artigo, uma outra importante agenda se constrói para a continuidade das pesquisas relacionadas a este projeto. Pretendemos identificar, por exemplo, as possibilidades e limites de aspectos como subjetividade e diferença (THE NEW LONDON GROUP, 1996), reconhecimento de outras espacialidades (BUZATO, 2007) e redes de interdependência de práticas (LEMKE, 2010) na construção de interações em aulas de língua portuguesa, em suas interfaces com o letramento digital.

A riqueza de possibilidades que se abre no prosseguimento destes estudos demonstra nosso acerto em não procuramos “certezas” para as incertezas identificadas ao longo da primeira fase da pesquisa, conforme expus na sessão anterior. Ao contrário, estas incertezas estão sendo aprofundadas no grupo de pesquisa, que caminha ciente de que a contemporaneidade, que se expressa em espaços formativos como a escola, dentre outros, não nos apresenta respostas estanques e definitivas. Estes espaços formativos demandam de nós, pesquisadores, uma maior proximidade deles e também

um olhar atento – devagar e divagante - para as gramáticas, *tablets*, romances e *smarthphones* espalhados pelas carteiras.

Referências bibliográfica

ANPOLL. *Lista dos Grupos de Trabalho (GTs) – Linguagem e Tecnologias*. 2010. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/portal/gts/#>>.

BUZATO, M. E. K. Desafios empírico-metodológicos para a pesquisa em letramentos digitais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n. 46, v. 1, p. 45-62, jan./jun. 2007.

LEMKE, J. L. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, n, 49, v. 2, p. 455-479, jul./dez. 2010.

LOBO-SOUSA, A. C.; ARAÚJO, J. C.; PINHEIRO, R. C. Letramentos que emergem da hipertextualidade. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Orgs.). *Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p. 111-122.

MAFRA, N. D. F.; MOREIRA, V. Letramento digital e formação docente. In: GONÇALVES, A. V.; PETRONI, M. R. (Org.). *Formação de professores: o múltiplo e o complexo*. Dourados: Editora UFGD, 2012. p. 193-219.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

PAULON, S. M. A Análise de implicação como ferramenta na pesquisa-intervenção. *Psicologia & Sociedade*, n. 17, v. 3, p. 18-25, set./dez. 2005.

PEREIRA, A. D. A. A intervenção didática em uma abordagem interacional de ensino-aprendizagem da língua materna: os percursos de uma pesquisa. *Letra Magna*, ano 3, n. 5, 2006. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/intervencao.pdf>>.

RAUEN, F. J. Pesquisa mediadora: alternativa metodológica para desenhos de intervenção dialética em Linguística Aplicada. In: ENCONTRO DO CELSUL – CENTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 5., 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Celsul, 2003. p. 536-542. Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/073.pdf>>.

ROXO, R. Modelização didática e planejamento: duas práticas esquecidas do professor? In: KLEIMAN, A. B. (Org.). *A formação do professor: perspectivas da Linguística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. p. 313-335.

THE NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. *Harvard Educational Review*, 1996, p. 60-92.

WIDDOWSON, H. G. On the limitations of Linguistics Applied. *Applied Linguistics*, v. 21, n. 1, p. 3-25, 2000. Disponível em: <<http://www.corpus4u.org/forum/upload/forum/2005060405544367.pdf>>.